

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO¹

Suzimar Barbosa Sandes²

Resumo

Por muitos anos, as crianças foram percebidas como adultos imperfeitos ou incompletos, devendo ser educadas, estimuladas e preparadas para a vida adulta. Na sociedade contemporânea, as crianças começam a frequentar ambientes de educação formal muito cedo, especialmente por conta do cotidiano agitado dos responsáveis que encontram na escola um lugar de apoio para educar seus filhos. Por esse motivo, as instituições que acolhem essas crianças devem ter sensibilidade para não romper drasticamente com as gostosuras que fazem dessa fase a mais mágica da vida dos pequenos estudantes. Através de uma pesquisa bibliográfica, o presente trabalho tem como objetivo, discutir a questão da Educação Infantil no contexto contemporâneo e os desafios encontrados por educadores para atender as novas perspectivas e necessidades.

Palavras-chave: Sociedade. Educação Infantil. Práticas Educativas.

Abstract

For many years, children were perceived as imperfect or incomplet adults, should be educated, encouraged and prepared for adulthood. In contemporary society, children begin to attend formal education environments too early, especially because of the busy routine of school officials Who are in a place of support for parenting. Therefore, institutions that receive these children must be sensitive not to break sharply with the goodies that make this phase a more magical life of Young students. Through a literature search, this paper aims to discuss the issue of early childhood education in the contemporary context and the challenges faced by educators to meet new prospect and needs.

Keywords: Society, Early Childhood Education, Educational practices.

Introdução

A crise na educação contemporânea demonstra a necessidade de se pensar alternativas aplicáveis, aproximando a escola da vida e tornando-a, por esse motivo, mais atraente.

¹ Título vinculado a tese de Mestrado: A linguagem teatral e educação: um elo possível. Orientado pelo Professor Dr. Remi Klein (2010).

² Suzimar Barbosa Sandes: Educadora, Licenciado em Letras (UNEB) e Mestre em Teologia – Educação Comunitária com Infância y Juventude (EST).

Durante muito tempo, escola foi sinônimo de transmissão de conhecimentos do mestre para os discípulos; estes, por sua vez, deveriam absorver os conteúdos e reproduzi-los nas provas, geralmente priorizando apenas as inteligências, lógico-matemática e linguístico-verbal. Esse procedimento ajudava na formação de indivíduos com dificuldades de expressar emoções, de discutir ideias e reivindicar direitos. Enfim, formava sujeitos passivos, incapazes de agir como protagonistas na história da vida.

O modelo de educação acima citado era extremamente excludente e privilegiava uma elite que dominava o capital e o poder. Por esse motivo, tinha interesse em oferecer uma educação repressiva para manter seus privilégios que, por sua vez, desencadeava, a longo prazo, sérios problemas sociais. O tempo passou. O contexto atual exige da escola outro perfil de estudantes e professores, capazes de criar um ambiente favorável ao desenvolvimento das múltiplas inteligências e de despertar latentes potencialidades.

É nesse contexto que o trabalho dos conteúdos de forma interdisciplinar, bem como a utilização de métodos lúdicos, aparece como alternativa promissora, por possibilitar uma reavaliação de conceitos, a concentração, o “aprender a ouvir e falar”, além do relacionamento entre as pessoas, por meio do domínio da comunicação e do uso interativo das múltiplas linguagens.

Esse trabalho tem como principal objetivo discutir a questão da Educação Infantil no contexto contemporâneo e os desafios encontrados por educadores para atender as novas perspectivas e necessidades, bem como provocar uma reflexão a respeito do desenvolvimento integral das crianças.

Assim, esse trabalho, certamente, servirá de estímulo para que educadores possam incorporar em seus planejamentos anuais atividades lúdicas, ajudando na formação de crianças ativas, felizes e capazes de participar como atores principais desse grande palco, que é a vida.

A criança

Para se referir à criança, é importante recorrer à linguagem poética e encantadora de Rubem Alves que expressa, como nenhum outro autor, o quão fantástica é essa fase do desenvolvimento humano. Para ele, “as crianças são seres

oníricos, seus pensamentos têm asas. Sonham sonhos de alegria. Querem brincar” (ALVES, 2000, p. 42).

Paulo Nunes de Almeida afirma:

A criança desde os primeiros anos de idade passa a representar simbolicamente várias situações: brincar de boneca, correr com o cavalo de pau, motorista de automóveis etc. Essas brincadeiras, além de desenvolverem o seu instinto natural, servem também para representar simbolicamente uma realidade que ainda não pode alcançar. Sob esse ponto de vista, o jogo simbólico se explica pela assimilação do real ao *eu* (ALMEIDA, 1974. p. 27).

As brincadeiras fazem parte da natureza infantil e a escola não deve negligenciar esse direito da criança, caso contrário, não será nada atrativa, correndo o risco até de criar uma aversão às atividades mecânicas e rotinas fechadas das salas de aula.

Cruz e Porto (2004. p. 223) afirmam que existem basicamente três posicionamentos sobre a prática lúdica em sala de aula: um tradicional, que nem estimula e nem admite brincadeiras; outro que defende o brinquedo como recurso didático e, finalmente, um terceiro, que defende que a ludicidade deve estar presente na educação das crianças.

Na sociedade contemporânea, as crianças começam a frequentar ambientes de educação formal muito cedo, especialmente por conta do cotidiano agitado dos responsáveis que encontram na escola um lugar de apoio para educar seus filhos.

Por esse motivo, as instituições que acolhem essas crianças devem ter sensibilidade para não romper drasticamente com as gostosuras que fazem dessa fase a mais mágica da vida dos pequenos estudantes.

Para Rubem Alves (2000, p. 63), o normal para os adultos é ver as crianças como “aquelas que precisam ser ensinadas, seres inacabados que, à semelhança de Pinóquio, só se tornam pessoas de carne e osso depois de serem submetidos às nossas armadilhas pedagógicas”.

Essa concepção equivocada de infância traz consequências desastrosas, uma vez que deforma a criança e retrocede na história quando elas eram vistas como “adultos em miniaturas” e que deveriam ser educadas para se encaixar nos padrões que os adultos julgavam mais adequados.

Nesse sentido, vale destacar a contribuição de McLuhan, citado por Paulo Nunes de Almeida:

É errôneo pensar que exista uma diferença entre 'educação' e 'diversão'. É o mesmo que estabelecer distinção entre 'poesia didática' e 'poesia lírica', sob fundamento de que uma ensina e outra diverte. Contudo, nunca deixou de ser verdadeiro que aquilo que agrada ensina de forma muito mais eficaz (ALMEIDA, 1974, p. 29).

Assim, podemos destacar que a porta de acesso ao mundo interior das crianças é a brincadeira. Para Ponick,

O brincar ingênuo, desprezioso e afetivo nutre a vida em qualquer tempo e lugar. Ele é o caminho para o riso leve e solto; ele é parte integrante do humor amoroso, igualmente vital para o ser humano. O brincar nos aproxima, quebrando barreiras hierárquicas presentes onde pessoas estão reunidas. Ele faz renascer a criança tantas vezes esquecida e abandonada pelo desumano mundo adulto no qual crescemos. O brincar nos leva às praças da cidade para convivência baseada na cooperação, no cuidado e no amor (PONICK, 2007, p.71).

Almeida caminha no mesmo sentido:

Portanto, feliz da criança que encontra educadores que aproveitem sua energia que borbulha, sentindo necessidades de correr, de gritar, de brincar, de jogar, de expandir-se e não às deixe prisioneiras, orientadas nas suas melhores horas do dia e na melhor fase da sua vida (ALMEIDA, 1974, p. 22)

Dessa forma, além das potencialidades intelectuais, estarão também desenvolvendo e cuidando para manter a saúde física e mental, através de atividades prazerosas de recreação, aprendendo com a experiência e no contato direto com os colegas de classe, com quem passarão grande parte do tempo.

Um grande desafio que se apresenta na contemporaneidade é justamente fazer da escola um espaço de prazer e aprendizagem que as crianças sintam alegria em frequentar.

A criança na história

As crianças sempre existiram independentemente do tratamento dado pelos adultos. Para Remí Klein, a ideia de criança, como a concebemos hoje, é uma invenção da modernidade. Segundo ele, “na Antiguidade e Idade Média, não havia um autêntico sentido de infância, ou seja, uma consciência da particularidade infantil. O próprio termo latino vem de *in-fans*, que significa sem fala” (KLEIN, 2008. p. 214).

Se recordarmos a história da literatura infantil, por exemplo, podemos perceber claramente que apenas recentemente a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto.

Philippe Ariès (1981, p. 65) afirma que somente no século XVIII a criança passou a ter um olhar diferenciado do adulto uma vez que, até então, era percebida como um adulto em miniatura.

É importante ressaltar que há controvérsias, como em muitos fatos históricos. Alguns historiadores apontam para iniciativas diferenciadas. No entanto, apenas recentemente as crianças vêm tendo um olhar diferenciado por parte dos adultos, dos educadores, da família e da própria sociedade de modo geral.

Retomando ao mundo infantil e sua relação com o lúdico, qual criança que não se rende ao escutar aquele “Era uma vez...”? Ou não se envolve de corpo e alma em uma dinâmica ou atividade que a convida a se levantar da cadeira para se movimentar? Qual a criança que não se encanta e se entrega no momento em que é convidada a aprender uma nova canção? Qual criança não se enche de expectativa quando as cortinas de um teatro são abertas? Ou ainda, que não enche os olhos de brilho com o teatro de bonecos ou fantoches coloridos?

Certamente todas elas. No entanto, são poucas as que têm oportunidade de se deleitar no mundo da fantasia que essas atividades podem proporcionar, inclusive nas escolas, que pouco utilizam essa metodologia para provocar sensações, despertar valores morais e introduzir conteúdos das disciplinas da matriz curricular de forma mais lúdica.

As apresentações teatrais, bem como o trabalho com músicas, contos, dentre outras atividades que utilizam o lúdico costumam ser envolventes e, por esse motivo, a arte de brincar e interpretar perpassa épocas e fronteiras conseguindo prender a atenção até das mais distraídas pessoas, sejam elas crianças, adultos ou idosos. Tais dinâmicas falam diretamente às crianças sem intermediação da razão ou de explicações, conselhos e sermões. Falando claramente ao inconsciente infantil, elas auxiliam na organização de seus esquemas mentais e as ajudam a trabalhar seus conflitos internos e encontrar caminhos naquele momento específico em que estão vivendo.

Para Avani Sandes (2001, p. 15), tal como na Literatura Infantil, à medida que se identificam com os personagens, as crianças se projetam, têm oportunidade de crescer como heróis, através de suas lutas e conquistas, aproximação do perigo e até da morte, durante as experiências de combate.

Dessa forma, compreende que tomando a decisão mais apropriada ao se deparar com um problema, também vencerá exatamente como os heróis das histórias. Desenvolvendo a autoconfiança, a criança se sentirá capaz de resolver seus conflitos internos.

Essa possibilidade é muito relevante no universo infantil, feito de descobertas e testes, a partir dos quais eles estão se formando enquanto pessoas e buscando referências para tomar como exemplo.

Vale salientar também a importância do equilíbrio entre os contos que trazem fadas, duendes e princesas, para não afastar a criança do mundo real, e histórias realistas, para não torná-la alheia a seu universo interior.

O contato com o mundo interior das crianças pode ser uma via de acesso à compreensão de seu comportamento e reações no cotidiano. Portanto, devem ser objeto de estudo de educadores e coordenadores que trabalham com Educação Infantil, de modo que possam ajudá-los a se encontrar na escola e na própria sociedade da qual fazem parte.

A criança no contexto atual

Por muitos anos, as crianças foram percebidas como adultos imperfeitos ou incompletos, devendo ser educadas, estimuladas e preparadas para a vida adulta.

Criança não é adulto pequeno. No entanto, na cultura ocidental predomina essa visão mercadológica. Isso pode ser percebido nitidamente quando se pergunta a uma criança: O que você quer ser quando crescer? Espera-se sempre uma resposta como médico, advogado ou qualquer profissão, de preferência que seja bem remunerada ou que traga *status* na sociedade.

Esse tipo de pergunta demonstra a percepção de infância mais comum, elas não são (nada), apenas passarão a ser (alguém) quando ingressarem no mercado de trabalho, começarem a produzir, ganhar dinheiro e consumir.

Como seria a reação de um adulto que fizesse tal questionamento e recebesse uma resposta afirmando: Quando crescer quero ser feliz ou, melhor, continuar sendo?

As crianças já são alguém. São pessoas especiais e precisam de muito carinho e atenção. Precisam curtir essa fase, que é a mais gostosa da vida, com liberdade e menos obrigações, para que na fase adulta vivam com mais plenitude.

Uma maior atenção à particularidade da criança e da infância coincide com o surgimento e o desenvolvimento da pedagogia e das outras ciências humanas e sociais, especialmente a partir de Comenius, considerado o pai da pedagogia, com a publicação da sua obra *Didática Magna* em 1657. Também a legislação em favor do direito da criança, especialmente a partir de meados do século passado, vem contribuindo para assegurar às crianças os seus direitos fundamentais (KLEIN, 2008, p. 214).⁷¹

A dinâmica social contemporânea é fortemente influenciada pelo desenvolvimento técnico e científico, sobretudo os meios de comunicação de massa e os recursos disponíveis para entretenimento.

As crianças nascidas nesse contexto começam a conviver com essas novidades desde muito cedo, e o ritmo acelerado do cotidiano das famílias “modernas” dificulta o despertar de relações afetivas sólidas, uma vez que o acompanhamento das crianças, por parte da família, é precocemente transferido para ambientes educacionais.

Nas comunidades pré-industriais, a interação entre indivíduos, de diferentes faixas etárias, era mais frequente e os momentos de reunião para contar, ouvir histórias e causos proporcionavam o desenvolvimento de relações afetivas entre seus membros, através do diálogo entre familiares, vizinhos e amigos.

Em contrapartida, esses momentos foram sendo substituídos gradativamente pela televisão, computador e jogos eletrônicos. Os meios de comunicação de massa ditam regras, padrões, modas e comportamentos que influenciam fortemente a vida das pessoas, deformando-as enquanto cidadãos, geralmente sem se darem conta.

As crianças são as grandes vítimas desse fenômeno. As escolas, por sua vez, encontram muita dificuldade para suprir essas lacunas e ajudar a despertar potencialidades e equilíbrio emocional nos pequenos estudantes que demonstram rejeição, insegurança, carência, baixa autoestima, dentre outros problemas comuns no universo infantil.

As atividades lúdicas aparecem nesse cenário como um recurso importante nesse processo educativo, uma vez que proporciona às crianças um momento singular de encontro consigo, com seus medos, frustrações, traumas, anseios e desejos mais profundos, de modo que tenham a possibilidade de se descobrir à medida que se identificam com os personagens das histórias contadas ou até mesmo interpretadas.

Para tanto, as crianças devem ser estimuladas por educadores, familiares e a sociedade como um todo, de modo que possam proporcionar oportunidades para seu desenvolvimento pleno e integral.

Minimizar os impactos dessa crise de valores morais que enfrenta a sociedade contemporânea e construir um mundo mais sustentável, justo e feliz requer um novo olhar para as crianças, porque são elas as herdeiras desse planeta, tomando as decisões do amanhã.

Desafios da Educação Infantil

A educação das crianças deve ser pensada e planejada com muito cuidado, de modo que as faça entrar em contato gradativamente com o conhecimento adquirido pela humanidade ao longo da história, sem comprometer a fase mais gostosa de suas vidas, sobrecarregando-as com tarefas e atividades escolares.

Segundo Boff,

[...] o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida (BOFF, 2002, P. 91).

Partindo desse pressuposto, a possibilidade de trabalhar com educação sem amor, materializada nas expressões de cuidado, é impraticável, uma vez que é uma tarefa que exige um contato direto entre os envolvidos, pois eles precisam se entender e estabelecer uma relação saudável para viabilizar qualquer iniciativa de aprendizagem.

O que faz a escola um lugar tão especial é justamente essa relação cotidiana entre as pessoas, principalmente nos primeiros anos escolares. Ela pode tanto criar nos pequenos estudantes uma aversão a esse espaço quanto desenvolver um sentimento de prazer e, conseqüentemente, um desejo de frequentar, interagir e descobrir um mundo fantástico escondido nas vielas do saber.

Perceber a educação por esse ângulo é estar ciente de que as crianças não podem ser julgadas e avaliadas pela ótica dos adultos. Suas particularidades devem ser compreendidas e respeitadas de modo que encontrem, já nos primeiros contatos com a escola, um ambiente democrático e fundamentado no diálogo.

Dessa forma, o educando, ainda que criança pequena, deve participar ativamente do processo de construção de sua própria educação, uma vez que ele não é objeto passivo.

No livro *Crianças como sujeito*, Bucher comenta:

Toda vez que nos confrontarmos com uma pessoa de comportamento estranho, seja por contato direto, seja através da mídia, será pouco provável que não surja a pergunta: Como terá sido educada? Insinua-se com isso que o ser humano é – Kant o afirmava – nada mais do que a educação fez dele. A mesma suposição implicitamente admite que a criança é um ser plástico (maleável), um objeto comparado à cera mole em que o meio de um modo geral e a educação em especial imprimem o seu selo (BUCHER, 1996, p. 58).

Outra pergunta que cabe em situações dessa natureza, além da educação que lhe foi proporcionada, está relacionada aos referenciais que lhe foram apresentados e a que o adulto avaliado optou em seguir.

Em relação à crítica referente à associação de uma criança a um objeto passivo, concordo com a autora por entender que, apesar do modelo de educação apresentado influenciar diretamente na sua formação, existem possibilidades de seguirem suas próprias ideias e se transformarem em adultos diferentes das expectativas dos educadores.

Participando ativamente da educação que lhes é oferecida, as crianças, além de terem como referência pessoas dispostas ao diálogo e à construção coletiva, desenvolvem autonomia, autoconfiança e a capacidade de tomar decisões.

Em contrapartida, uma educação autoritária deforma o ser humano ou o transforma em marionete para ser manipulado passivamente pelos proprietários dos meios de produção e pelos detentores do poder, dentre outros sujeitos, que têm interesse no modelo de educação conteudista, dissociada da realidade concreta e descomprometida com a formação integral das crianças e jovens.

A esse respeito, Bucher comenta:

Uma coisa pode ser dita com razão superlativa: Quem vê nas crianças primariamente objetos ou recipientes vazios, que somente podem ser enchidos por adultos, quem as consideram meros educandos, tem contra si por inteiro toda a nova pesquisa sobre as crianças: “Bebês são mais inteligentes”. Outrossim, precisamente as crianças pequenas exercem sobre o comportamento dos adultos, em especial dos pais, influencia comparativamente maior do que estas regras possam conceber (BUCHER, 1996, p. 65).

Este parágrafo nos faz recordar a educação bancária criticada sabiamente por Paulo Freire. Ainda que em contextos e faixas etárias diferentes, nenhum processo educativo deve negligenciar a capacidade do outro de raciocinar e de construir sua própria história. Ao modo delas, as crianças participam ativamente da relação com

outros indivíduos. Os educadores devem estar cientes disso para que possam contribuir para desenvolver sem inibir esse potencial ativo próprio de toda criança.

Conhecer e valorizar os conhecimentos trazidos dos contextos familiares e sociais das crianças pode ser uma importante via de acesso ao outro universo que elas trazem consigo e que é, muitas vezes, ignorado nas salas de aula. É importante ressaltar que não é apenas na escola que se aprende. Portanto, devemos estar atentos aos ensinamentos que nos são apresentados e até nas atividades mais simples do cotidiano.

Levantar questionamentos e provocar reflexões acerca das situações trazidas para a escola é interessante e proveitoso para o amadurecimento pessoal dos estudantes.

A educação muda com o tempo para atender às necessidades da época, seja para transformar, seja para manter a estrutura social tal como ela é. Portanto, é possível concluir que a educação é, sobretudo, um instrumento político que pode ajudar a alienar e deformar um ser humano ou despertar o cidadão, cujo senso crítico permite participar como protagonista da sociedade de que faz parte.

Essa transformação também influencia no modelo contemporâneo de família, pois é preciso a adaptação a uma nova dinâmica. Nesse contexto, as crianças jamais devem ficar em segundo plano; devem sim receber o carinho e a atenção dos pais para que encontrem um ambiente adequado para se desenvolver, ou seja, devem participar das decisões no seio da família.

Assim, a criança jamais deve ser considerada um objeto e os adultos devem considerar seu ponto de vista de modo a construir uma relação de respeito e amizade, fundamentada no diálogo permanente, único capaz de aproximar as pessoas.

É importante ressaltar que a formação das crianças não acontece apenas de fora, ou seja, por intermédio dos adultos. Elas, entre si, encontram formas de se entender, conviver e construir a própria vida. Dessa forma, a escola tem um papel de grande importância, de modo que pode observá-las e orientá-las para melhor ajudar nesse processo.

Mette, tratando do diálogo integrante das relações entre crianças e responsáveis, afirma que elas demonstram uma capacidade de envolver a si

próprias e aos adultos em perguntas que nada têm de “infantis”, e às quais, por isso, não podemos nos esquivar sem mais nem menos (METTE, 1996, p. 121).

A criança, de um modo geral, tem uma capacidade nata de formular perguntas intrigantes. Portanto, ela deve ser escutada, estimulada e encorajada a buscar respostas. Dessa forma, por ser ativa, tem a necessidade de se comunicar e de interagir com os outros, à medida que cria e dá sentido à sua vida.

Através de seus questionamentos, a criança frequentemente também leva os adultos a pensarem sua existência, as situações cotidianas e as coisas que estão à sua volta. Assim, podemos concluir que ela aprende ensinando e ensina aprendendo, como afirmava Paulo Freire, reforçando que o ato de ensinar e aprender não estão dissociados (FREIRE, 1996. p. 28).

Portanto, a educação de crianças deve fazer parte das preocupações dos adultos para encontrar as melhores alternativas. Nesse processo, a introdução de atividades lúdicas, como já foi mencionado anteriormente, pode contribuir significativamente como possibilidade de superação da dependência e da carência das crianças, uma vez que proporciona sutilmente um contato consigo e, conseqüentemente, uma reformulação das escalas de valores, contribuindo para a consolidação da autonomia necessária para a vida em sociedade.

Nesse contexto, a escola, como espaço de educação formal, tem muito a contribuir nesse processo, uma vez que proporciona o encontro diário de muitas crianças que ficam temporariamente sob a responsabilidade dos educadores.

Considerações finais

São grandes os desafios da sociedade contemporânea. Isso porque o que está em jogo é o destino da própria humanidade. Dessa forma, a educação deve ser um compromisso coletivo, uma vez que sem ela não será possível conquistar autonomia, e a possibilidade de mudança estará nas mãos de pessoas que pouco se preocupam e se interessam com a mudança, porque estão em uma situação muito confortável.

Proporcionar às crianças um contato mais intenso com os membros da família e com seu universo interior, através de atividades lúdicas, deve estar entre as

prioridades, sobretudo na escola, considerando que é um recurso indispensável à prática pedagógica, justamente por proporcionar o equilíbrio emocional necessário para o desenvolvimento integral dos jovens estudantes.

Essa possibilidade de desenvolvimento integral das crianças e dos jovens torna a escola um lugar privilegiado de construção dos alicerces necessários para a formação de adultos responsáveis e de uma geração mais consciente e capaz de ver as coisas com mais profundidade, de se indignar diante das mazelas sociais e injustiças e de agir na sociedade de forma consciente.

Assim sendo, fica clara a relevância da utilização da linguagem artística, bem como da ludicidade no desenvolvimento humano. Isso porque, por meio da música, dos jogos, das brincadeiras e das representações, o ambiente escolar passará a ser mais encantador e prazeroso.

É nesse contexto que defendemos o encontro das crianças com dinâmicas lúdicas de educação, para que o aprendizado efetivamente estabelecido sirva como trampolim para a reflexão sobre problemas concretos, bem como suas possíveis soluções. Desse modo, contribuiremos para o desenvolvimento de uma geração mais humana e sensível aos problemas coletivos, podendo assim, quem sabe, reverter o atual quadro de desigualdade social.

Contudo, podemos afirmar que, a prática de atividades lúdicas na Educação Infantil exerce uma função de construção da identidade do sujeito, uma vez que busca nas representações um significado para sua existência, ampliando essa significação no cotidiano e despertando o cidadão em potência que traz consigo e que o torna capaz de atuar como protagonista da história concreta.

Referencia Bibliográfica

ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Dinâmica lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Leopoldo: Loyola, 1974.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. v. 6: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUCHER, Aton. Crianças como sujeito. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIN, Remí. *A narração de históricas bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

METTE, Norbert. Aprendendo a viver e aprendendo a crer com as crianças. *Concilium*, Petrópolis, n. 2, 1996.

PONICK, Edson. *Experiências formativas: contribuições da Semana de Criatividade para a formação de educadores*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

PORTO, Bernadete de Souza; CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Uma pirueta, duas piruetas... Bravo! Bravo! A importância do brinquedo na educação das crianças e de seus professores. In: CRUZ, Sílvia Vieira; PETRALANDA, Mônica (Orgs.). *Linguagem e educação da criança*. Fortaleza: UFC, 2004.

SANDES, Avani B. *Contos de fadas: olhar psicopedagógico sobre o encaminhamento de soluções dos conflitos internos da criança*. Monografia (Conclusão de Curso) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.